

## GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA: ESPAÇO E PERCEPÇÃO

**Luiz Andrei Gonçalves Pereira**

Mestre em Desenvolvimento Social - UNIMONTES  
[luizandreigoncalves@yahoo.com.br](mailto:luizandreigoncalves@yahoo.com.br)

**Idalécia Soares Correia**

Mestre em Ciência Política - UFMG  
Professora da UNIMONTES  
[idaleciasoares@oi.com.br](mailto:idaleciasoares@oi.com.br)

**Anelito Pereira de Oliveira**

Doutor em Letras - USP  
Professor do Mestrado em Desenvolvimento Social - UNIMONTES  
[anelitodeoliveira@gmail.com](mailto:anelitodeoliveira@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre a fenomenologia e a compreensão do espaço nos estudos geográficos. Baseia-se na revisão de literatura, fundamentalmente centrada nas contribuições de Maurice Merleau-Ponty, e geógrafos que trabalham com referências fenomenológicas, como Lencioni, Castro e Corrêa. A introdução da fenomenologia na Geografia pressupõe uma abordagem do espaço que considera a percepção do sujeito como integrante e em permanente interação. Assim, o mundo vivido e a subjetividade tornam-se fatores importantes para compreensão do espaço nos estudos geográficos.

**Palavra-chave:** Geografia, percepção, fenomenologia, espaço.

### PHENOMENOLOGICAL GEOGRAPHY: SPACE AND PERCEPTION

#### ABSTRACT

This article aims to discuss the relationship between phenomenology and understanding of space in geographies studies. It is based on literature review, primarily focusing on the contributions of Maurice Merleau-Ponty, and geographers who work with the phenomenological reference, like Lencioni, Castro and Corrêa. The introduction of phenomenology in geography requires an approach that considers the space perception of the subject as an integral and permanent interaction. Thus, the world lived and subjectivity become important factors for understanding the space in geographics studies.

**Keyword:** geography, perception, phenomenology, space.

### INTRODUÇÃO

A Geografia Fenomenológica busca manter uma aproximação entre as obras de geógrafos e as obras do filósofo Maurice Merleau-Ponty. Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre a fenomenologia e a compreensão do espaço nos estudos geográficos. Para realização deste trabalho foram utilizados estudos bibliográficos com base nas obras de Merleau-Ponty e de autores da Geografia que discutem espaço, como Lencioni (2003), Castro (2001) e Corrêa (2001), com base nos princípios que fundamentam o método fenomenológico.

---

Recebido em 21/05/2010

Aprovado para publicação em 15/07/2010

O estudo se justifica pelo fato de a fenomenologia criticar as “verdades” da ciência racionalista, apresentando outras formas de conhecimento que se baseiam na percepção, na vivência mundana e no processo de subjetivação dá através do método fenomenológico que considera a percepção, o mundo vivido e a subjetividade.

Ao proceder à fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty foi audacioso no que tange à situação da ciência moderna acusando-a de mascarar a realidade social. Propõe a retirada dessa máscara a fim de que possamos “voltar às coisas mesmas”, conforme o pressuposto Hursserliano. Critica a dicotomia nas ciências modernas que levam à generalização do mundo. Neste sentido, as bases fenomenológicas da Geografia também surgem como forma de reação à ciência racionalista. Propõe uma interdisciplinaridade nas áreas do conhecimento, especialmente entre Geografia, Filosofia e Sociologia. A Geografia Fenomenológica está pautada na percepção, considerando o mundo vivido e a subjetividade, que é de suma importância para a compreensão do espaço.

### **A GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA**

Na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty procura superar problemas cruciais do Empirismo e do Racionalismo que orientam a Filosofia Moderna. Avança no sentido de resgatar a nossa experiência tal e qual do mundo, ou seja, a experiência vivida no espaço e no tempo, tudo aquilo que foi desconsiderado pelo racionalismo de base cartesiana. O filósofo apresenta a consciência como algo atravessado pela intencionalidade, resultante da integração do sujeito a determinadas vivências, todo um processo encarnado pela subjetividade. Em face disso, a Filosofia não pode impor formulas regras ou dogmas para a compreensão do mundo, mas sim levar-nos a uma percepção apurada do mundo.

A fenomenologia busca evidenciar as essências repondo-as na existência, na medida em que o palpável sempre existiu “ali”, numa forma prévia ao pensamento. A abstração intelectual espaço-temporal do mundo “vivido” materializou-se no exercício descritivo da experiência da maneira como ela ocorre, uma vez que o real deve ser registrado e não construído ou constituído (MERLEAU-PONTY, 1999).

Nesta compreensão da produção do conhecimento, o autor enfatiza a crítica ao pensamento moderno, pois na sua visão “o pensamento moderno é difícil, inverte o senso comum porque tem a preocupação com a verdade, e a experiência não lhe permite mais ater-se honestamente às ideias claras ou simples às quais o senso comum se apega porque elas lhe trazem tranqüilidade” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 09-10).

Com base neste argumento, destaca que a fenomenologia “é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.01-02).

Reforçando este argumento afirma que o sentido da fenomenologia está em nós mesmos, no mundo vivido e na relação espaço-tempo. Ao trabalhar estas categorias Merleau-Ponty sustenta a crítica a forma de produção de conhecimento científico na modernidade centrado no objetivismo e facilita a construção de novos olhares no seio do pensamento geográfico. Voltaremos a esta questão posteriormente. No momento é importante compreender o fundamento da crítica do autor à ciência moderna.

O pensamento racionalista, pautado na objetividade, desconsidera o sujeito da percepção. Merleau-Ponty (1999) entende que o sujeito encontra um mundo totalmente pronto, sendo este mundo um “palco de manifestações possíveis”, a percepção consagra como uma forma dessas manifestações. Um ser que percebe torna-se parte das coisas e não consegue desprender-se das coisas, e acaba produzindo uma impressão perceptiva dos fenômenos, podendo descrever coisas de um lugar distante, mesmo que não tenha ido a este lugar.

O ser na percepção ficará desconhecido até o momento que se torne em evidência o naturante e o naturado. No processo de exercício da sensação, o elemento intelectualizado não é ressaltado por ele mesmo, e sim ao manter sincronia com o meio que estimula da sua sensibilidade. Merleau-Ponty (1999), ao contrário da ciência moderna que opera a dicotomia entre objetivo e subjetivo, idealismo e empirismo, metafísica e positivismo, que são fontes de

conhecimento que fazem a separação entre sujeito e objeto, propõe o rompimento com essas dicotomias na ciência, como forma de reaproximação entre o sujeito e o objeto. Pois, o sujeito enquanto pesquisador tem que se voltar para ele mesmo, que seria o retorno às coisas mesmas, e encarar essas coisas como realmente elas são.

Nesta problematização do pensamento moderno e a construção de uma nova perspectiva de abordagem Merleau-Ponty se torna uma referência para os estudos geográficos baseados numa visão humanística e perceptiva.

A Geografia Fenomenológica surgiu com base nas concepções filosóficas da fenomenologia como forma de reação ao objetivismo positivista, o excesso de racionalismo, a materialização, a teorização, a instrumentalização, a ideologia e o dogmatismo apresentado pela racionalidade científica. As críticas avolumaram e fizeram a Geografia buscar novos caminhos e novas fontes teóricas. Nesta direção, Lencioni (2003, p. 149) discutiu as características da fenomenologia com base em Husserl, dizendo que “a fenomenologia prioriza a percepção e entende que qualquer ideia prévia que se tem sobre a natureza dos objetos deve ser abolida”. Reporta-se a Merleau-Ponty quando este discute a relação entre natureza e consciência, na qual a relação entre o homem e o mundo ocorre por meio da percepção (LENCIONI, 2003).

Os geógrafos que fazem referências à fenomenologia não pouparam críticas e questionamentos ao mundo racionalista. Para esta corrente, o comportamento das pessoas não está fundamentado no conhecimento objetivo do mundo real, e sim na base das imagens subjetivas deste mundo (LENCIONI, 2003). A corrente da percepção apresenta interação entre Geografia, Psicologia e Sociologia que buscam uma nova análise espacial, resgatando a totalidade do homem, evitando o seu reducionismo.

A Geografia da percepção, segundo Corrêa (2001, p. 30) “está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real”. A Geografia da percepção propõe estudos que consideram o mundo percebido, o mundo vivido e mundo imaginado pelos indivíduos. Para Lencioni (2003, p. 150-151) “a consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental”. A experiência vivida constrói a consciência, sendo que pelo mundo vivido, a fenomenologia coloca o indivíduo em contato com o mundo de objetos exteriores por via da percepção.

Para Pereira (2003), em linhas gerais a Geografia Fenomenológica propõe uma orientação metodológica que utilize técnicas de observação, questionário, entrevistas, depoimentos, entre outros; que enfatize o estudo de eventos únicos, contrariamente aos estudos de eventos gerais; que incorpore o indivíduo no processo de construção do conhecimento, sendo que cada indivíduo apresenta especificidades para apreensão e avaliação do espaço; que resgate as noções de espaço e de lugar, uma vez que ambos trazem consigo a ideia de percepção, valores, comportamento, atitudes e motivações; e que priorize aspectos relacionados a subjetividade, intuição, simbolismo, sentimentos e experiências e o espaço torna-se concebido pelo espaço presente. Observa-se nestas orientações a contribuição de Merleau-Ponty aos estudos geográficos referentes à categoria espaço.

### **O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO**

Na discussão sobre espaço, Merleau-Ponty (2004) fez críticas ao pensamento moderno, pelo fato deste levar a dicotomia entre espaço e mundo físico. Nessa perspectiva, “o espaço é o meio homogêneo onde as coisas estão distribuídas segundo três dimensões e onde elas conservam sua identidade, a despeito de todas as mudanças de lugar” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 10).

Reposicionando-se frente a essa perspectiva de enxergar o espaço a Filosofia e a Psicologia vão “atentar para ao fato de que nossas relações com o espaço não são as de um puro sujeito desencarnado com um objeto longínquo, mas as de um habitante do espaço com seu meio familiar” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.16). Essa consideração fica mais explícita e se aproxima mais da visão atual da Geografia da Percepção na afirmação:

A ideia de um espaço homogêneo completamente entregue a uma inteligência sem corpo é substituída pela ideia de um espaço heterogêneo, com direções privilegiadas, que têm relação com nossas particularidades corporais e com nossa situação de seres jogados no mundo (MERLEAU-PONTY, 2004, p.17).

Na fenomenologia ocorre a discussão das representações, do imaginário, das fantasias, que os homens fazem os mapas mentais do mundo, para representação do espaço. Segundo Lencioni (2003), a Geografia inspirada na fenomenologia enfoca de forma subjetiva a realidade na qual a intuição constitui um elemento importante no processo de conhecimento. O termo espaço vem sendo utilizado todos os dias nas diversas áreas das ciências e cada área interpreta o espaço de uma maneira, o mesmo ocorre na Geografia, cada corrente geográfica faz sua definição e interpretação de espaço. A corrente fenomenológica na Geografia define-o como:

O espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. Essa Geografia procurou demonstrar que para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço. (LENCIONI, 2003, p. 152)

Na representação do espaço, os mapas cartográficos diferem dos mapas mentais. Segundo Lencioni (2003), os mapas cartográficos fazem uma representação objetiva do espaço, enquanto os mapas mentais fazem uma representação subjetiva a partir da percepção que o homem elabora as imagens sobre esse espaço. Numa perspectiva geográfica, a fenomenologia trás visão antropocêntrica do mundo e recupera o humanismo ao destacar significados e valores atribuídos ao espaço. O espaço vivido passa a ser construído socialmente através da percepção e da interpretação dos indivíduos, revelando as praticas sociais.

No campo fenomenológico, o espaço tornou-se um objeto muito importante para pesquisa geográfica. Nesse processo, as categorias geográficas são interdependentes e isso resulta num campo fértil para estudo do espaço a partir de sua interação entre o lugar, a paisagem, a região e o território, visando manter as relações entre fenômenos que se manifestam a todo instante no espaço. O filósofo Maurice Merleau-Ponty elaborou um importante estudo sobre o espaço, que teve uma grande contribuição no estudo da percepção.

O espaço não fica restrito apenas a visualização, uma vez que nos leva a questionar e a perceber a inserção dos fenômenos em um espaço cheio de ideias abertas e compostas por intuições. Essa concepção de espaço é bastante próxima, senão, herdeira das concepções de Merleau-Ponty. Na conceituação de espaço destaca que:

É preciso aproximar-se mais diretamente dessa intencionalidade, examinando a noção simétrica de uma forma da percepção e, particularmente, a noção de espaço [...] O espaço não é ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 327 - 328).

Observa-se que o espaço está relacionado com a visão e a percepção do sujeito. Nesta concepção é essencial destacar que a presença do homem enquanto sujeito, que percebe este mundo, como um ser inserido no mundo, implicaria no estar próximo, mantendo relações com os objetos e os outros sujeitos na representação do espaço. De acordo com Merleau-Ponty (1999) o espaço não é um sustentáculo dos objetos ambientais, sejam eles reais ou lógicos. De um lado, torna-se o meio que possibilita a posição destes objetos.

De outro lado, tudo se reporta às inter-relações orgânicas do ser que pensa o seu espaço, caracterizando o poder do sujeito sobre a natureza, acaba originando a mesma. O espaço tornou-se concebido pela consciência do sujeito que percebe as coisas por via da observação. Para o autor, o interior do sujeito é marcado pela percepção e pelo espaço que estabelece a relação perceptiva própria, que antecede à sua consciência de mundo. Tudo que é percebido pode ser conhecido, a percepção é uma forma de perceber qualquer coisa vista pela aparência. Dentro do objeto existe a essência, então, torna-se necessário conhecer a essência

para não ficar preso a aparência, pois o conhecimento está na essência. Para Merleau-Ponty (1999), os fenômenos fazem uma ligação direta com o corpo que absorve e/ou incorpora todas as formas e grandezas que, quando são imediatas à percepção, acabam criando um mundo próprio. Ao relacionar as coisas identificadas pelo corpo, que percebe a natureza funcionando como palco para a encenação individual no seu espaço vivido, acaba resultando na transformação do sujeito enquanto consciência de si.

O objeto e os seus fenômenos são elementos balizadores da percepção realizada pelo sujeito, que sente o seu mundo. Partindo deste pressuposto “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14). De acordo com este filósofo tudo é uma manifestação do ambiente, uma vez que a percepção torna-se explicitada pela comunicação de seus elementos. Sendo que o espaço percebido às vezes não aparece de forma clara na nossa frente como algo a ser conhecido, podendo ser uma “unidade de valor” que se apresenta apenas na prática, que em alguns casos é dado pela experiência de coisa que provoca a subjetividade. Nessa perspectiva Castro (2001, p 133) fez referência ao filósofo Merleau-Ponty, ao destacar que:

A escala é uma projeção do real, mas a realidade continua sendo sua base de constituição, continua nela. Como o real só pode ser aprendido por representação e fragmentação, a escala constitui uma prática, embora não intuitiva e não refletida, de observação e elaboração do mundo. Não espanta a polissemia do termo, sua utilização com significados específicos em diferentes áreas do conhecimento.

A representação gráfica de escala é o significado mais usual e mais simples para representar áreas. Mas a simplicidade da matemática esconde a complexidade da representação do termo quando trata de recorte espacial. Mesmo que o recorte escolhido seja consciente ou inconsciente existe uma percepção do espaço total e/ou fragmentação espacial.

Para Castro (2001) a seleção da escala prosseguiu uma infinidade de pontos de vista diante da realidade percebida ou concebida da entidade espacial que tem um ponto de partida fundamental para dar continuidade à percepção, sendo a mudança na escala não depende do recorte métrico e sim de transformações qualitativas que na apresentam uma hierarquia entre os macros e microfenômenos e que precisam ser explicitados. Então, “o conteúdo da minha percepção, microfenômeno, e a vista à grande escala dos fenômenos-envelope não são duas projeções do em si: o ser é seu alicerce comum” (MERLEAU-PONTY *apud* CASTRO, 2001, p. 132). A escala nos remete a percepção, a configuração, a projeção e o significado do que é visível e o que é invisível em relação à escala que conserva suas relações harmônicas das realidades espaciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstra que a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty contribuiu com a Geografia da percepção, ao propor o rompimento com as “verdades” e as dicotomias nas ciências modernas, que levam a generalização e a simplificação do mundo. Ao contrário da ciência moderna, é interessante observar que a fenomenologia propõe uma aproximação e/ou uma relação entre o sujeito e o objeto no processo de conhecimento, conduzindo formas de conhecimento a partir da vivência baseada na subjetividade e na percepção dos fenômenos.

Na Geografia, a apropriação do método fenomenológico tem como desdobramento a interdisciplinaridade para a compreensão do espaço. Ao considerar o mundo percebido, vivido e imaginado pelos indivíduos, levando o indivíduo a ter contato com o “mundo exterior” por via da percepção. Para a fenomenologia compreender o espaço é considerar o vivido e o percebido inspirado na subjetividade da realidade, que faz com que a intuição se torne um elemento importante no processo do conhecimento, na qual a representação subjetiva do espaço por meio da percepção faz o homem recuperar o humanismo que trás significados e valores ao espaço vivido que é construído pela percepção e pelos indivíduos através das práticas sociais. Na representação do espaço a escala nos remete a percepção, a configuração, a projeção e o significado do que é visível e invisível nas relações espaciais.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. Tradução de: Fábio Landa; Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Le visible et l'invisible. Paris: Gallimard, 1964 *apud* CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PEREIRA, Anete Marília. A ciência geográfica: métodos e tendências do pensamento e da abordagem. **Notas de aula**. Montes Claros: UNIMONTES/Dep. Geociências, 2003. (mimeo)